

7 18923591053003 26

ISSN 2359-053X

ANO 2 - NÚMERO 26 - DEZEMBRO 2016

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$10

POVOS INDÍGENAS DO CERRADO

p. 10

HISTÓRIA SOCIAL

Carta para o Amigo
Chico Mendes

p. 30

CIDADANIA

Desafios para a
Participação Cidadã

p. 22

PERFIL

Almir Sater

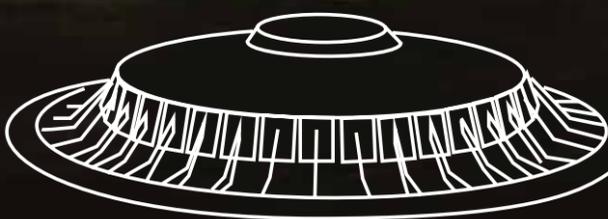
p. 36



MARCAR



BRASÍLIA
TEM
ESSE
PODER



Ginásio Nilson Nelson

A Terracap coloca esse patrimônio em suas mãos

Muito mais do que três poderes, Brasília também tem o poder de MARCAR a vida cultural e esportiva do país promovendo os mais variados eventos esportivos, musicais e culturais na Arenaplex. Um grande complexo poliesportivo formado pelo Estádio Nacional Mané Garrincha, o Ginásio de Esportes Nilson Nelson, o Parque Aquático Cláudio Coutinho e as Quadras Poliesportivas. A apenas 15 minutos do aeroporto, a Terracap oferece à nossa cidade a mais completa infraestrutura de esporte e lazer. Bem-vindo à Arenaplex!

www.terracap.df.gov.br



“ **Quem canta custa a morrer, e eu não sabia.** ”
 Caio Fernando Abreu

COLABORADORES/COLABORADORAS DEZEMBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antropólogo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Educador. Antônio Augusto de Queiroz – Jornalista. Antonio Paulo Filomeno – Médico e Escritor. Eduardo Henrique de Sá Júnior – Pesquisador e Fotógrafo. Eduardo Pereira – Produtor Cultural e Fotógrafo. Jacy Afonso – Sindicalista. Jairo Lima – Indigenista. Jaime Sautchuk – Jornalista. Kurehete Kamaiurá – Professor. Leonardo Boff – Escritor e Teólogo. Liciane Carvalho – Fotógrafa. Lúcia Resende – Professora. Liciane Carvalho – Fotógrafa. Pedro Ramos de Sousa – Seringueiro. Trajano Jardim – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| 1. Jaime Sautchuk | 7. Juan Pratginestòs |
| 2. Zezé Weiss | 8. Elson Martins |
| 3. Altair Sales Barbosa | 9. Neusimar Coelho |
| 4. Binho Marques | 10. Ronei Alves |
| 5. Graça Fleury | 11. Ieda Vilas-Bôas |
| 6. Jacy Afonso | 12. Trajano Jardim |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
 Telefone: (61) 9 9967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9 9967 7943; Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 9926 0445. Revisão: Lúcia Resende, Thais Maria Pires, Zezé Weiss. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins – auxiliar de serviços administrativos. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 10.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa – Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Sergipe, Tocantins. Distribuição – Revista Impressa: Todos os Estados da Federação Revista Web – Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

Os bandeirantes e entradeiros paulistas que penetraram o Centro-Oeste brasileiro desde o Século 16 buscavam ouro, pedras preciosas e a ocupação do território espanhol, além da linha de Tordesilhas.

Mas também tinham entre suas metas a de aprisionar o indígena local, que ocupava aqueles territórios desde 11 mil anos antes. O impacto dessa invasão foi rápido e brutal.

Aos índios eram dadas duas opções: se submeter ou morrer.

Eles eram tratados como iguais entre si, sem que fossem levadas em conta as enormes diferenças linguísticas e culturais que entre eles existia. Suas comunidades foram desestruturadas social, econômica e culturalmente.

Há, contudo, sobreviventes de índios do Cerrado, espalhados por vários estados e vivendo de formas diferentes. De modo inédito, a Xapuri traz nesta edição um quadro geral dessa população, com sua história e situação atual.

A revista mantém, assim, seu compromisso com a realidade de nosso País, aqui retratada de maneira diferente da grande mídia, pois realça os verdadeiros valores de nossa sociedade, em sua diversidade.

Mas suas páginas trazem muito mais o que ler e admirar. A gênese da Universidade de Brasília, um projeto pensado e debatido no Brasil inteiro, é um exemplo.

Trata, também, da participação da sociedade na vida das cidades, num momento em que se inicia uma nova gestão municipal. E das medidas econômicas do governo federal, com as reações da sociedade.

Você terá, ainda, mais lendas populares, o voo da asa-branca, pássaro de muitos símbolos, um perfil do violeiro Almir Sater e a voz da mulher, na escrita da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

E por aí vai.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Xapuri 26

SOCIOAMBIENTAL

DEZ 16

09 AMIGO ANIMAL
Animal doméstico:
Como cuidar do dengo de muita gente

22 CIDADANIA
Gestão Pública Municipal

10 CAPA
Povos Indígenas
do Cerrado

30 HISTÓRIA SOCIAL
De mano pra mano:
Carta para o amigo Chico Mendes

17 BIODIVERSIDADE
Candombá: arbusto típico
do Cerrado

34 MITOS E LENDAS
A lenda do Lago Ipavú:

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

18 AMAZÔNIA
Kambô: a cura que vem
do sapo

36 PERFIL
Almir Sater

20 BRASÍLIA
UnB: o projeto mais ambicioso

38 SUSTENTABILIDADE
Juventude:
Jornadas de luta pela democracia

24 ECOTURISMO
Caverna dos Ecos,
ou Gruta dos Ecos

40 UNIVERSO FEMININO
Chimamanda Ngozi Adichie

26 GASTRONOMIA
Carne cheia: um jeito antigo e delicioso
de preparar a carne suína

44 URBANIDADE
Dois buracos e duas medidas

29 CAATINGA
Até mesmo a Asa-Branca!

50 MEMÓRIA
Oscar Niemeyer

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,
faz a Xapuri continuar acontecendo!

ASSINATURA
ANUAL
12 EDIÇÕES

R\$ **99,00**

ASSINE JÁ!
WWW.XAPURLINFO/ASSINE



Mensagens pra Xapuri
contato@xapuri.info

*Revista Xapuri Socioambiental, imperdível para se penetrar na Amazônia Ocidental Brasileira.
Montezuma Cruz – Porto Velho – Rondônia.*

*Viva a Xapuri e sua intrépida proposta editorial!
Romulo Andrade – Brasília – Distrito Federal.*

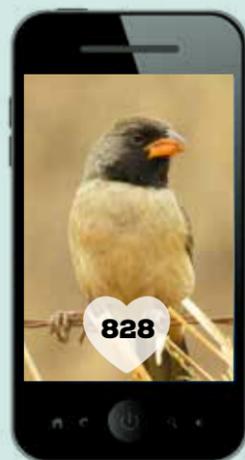
*Amo o ambiente, obrigado Xapuri por me manter mais próximo do meio...
Kyllap Muh – Maputo – Moçambique.*

As imagens mais populares da @revistaXapuri

 @raquelv.s



 @linepatriciafotografias



 @vihsouza_s



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

AMIGO ANIMAL



ANIMAL DOMÉSTICO: COMO CUIDAR DO DENGO DE MUITA GENTE

Eduardo Pereira

A maioria de nós gosta de criar um animal em casa. A própria medicina já mostrou que quem convive com animais domésticos vive melhor e mais feliz. Porém, é importante sempre verificar se você tem condições de manter um animal de estimação em casa. Veja por quê:

1. Os animais domésticos dependem do nosso cuidado para serem saudáveis e felizes. Sem os cuidados apropriados, viverão fracos, estarão malnutridos e morrerão mais cedo.
2. Nossa comida nem sempre é boa para os nossos animais domésticos. Eles não podem comer tudo o que a gente come, nem mesmo o arroz com feijão de que parecem gostar tanto.
3. Os animais domésticos precisam comer a ração apropriada para cada um deles. Uma alimentação inadequada pode causar doenças graves, e até mesmo provocar o desenvolvimento de cáries.
4. Não crie seus animais para serem violentos. Animais bravos podem se voltar contra seus donos e, mais perigosamente, contra crianças pequenas.
5. Procure castrar seus animais para evitar a reprodução indesejada e a proliferação de doenças. Mantenha-os perto de você e tire tempo sempre para passear com eles.

Por fim, lembre-se de que, em muita coisa, os animais domésticos são muito parecidos com a gente: precisam de uma boa dieta, exercícios diários e muito carinho para serem felizes. Cuidando bem deles, você e sua família terão uma fonte de bem-estar e felicidade por muitos e muitos anos.





POVOS INDÍGENAS DO CERRADO

Altair Sales Barbosa

RESISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA NO SÉCULO XXI

Não considerando o Parque Nacional do Xingu que, mesmo possuindo alguns elementos de Cerrado, é integrante do Domínio Territorial Amazônico, como também desconsiderando alguns povos que vivem em áreas distintas do Sistema Biogeográfico do Cerrado, como os Pareci e os Nambikwara, o bioma apresenta uma população indígena de 100.000 a 110.000 habitantes, distribuídos principalmente em terras do Maranhão, Tocantins, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Há grande dificuldade em precisar os dados demográficos para as populações indígenas, pois elas estão em constante migração de uma aldeia para ou-

tra, dentro do mesmo grupo, de forma temporária ou definitiva, ou mesmo de um grupo linguístico para outro, também de forma temporária ou definitiva. Portanto, os dados populacionais aqui apresentados são aproximados.

A população sobrevivente na área contínua do Cerrado engloba povos de características culturais diferenciadas, cuja situação atual e cuja fragmentação demográfica não refletem a importância que esse espaço geográfico teve na sua fixação durante longos períodos, nem a sua verdadeira história.

Os povos indígenas brasileiros são classificados pela utilização de padrões linguísticos. A maior categoria do sistema classifica-

tório é o Tronco, que se subdivide em Famílias. Uma família pode englobar uma ou mais línguas. A Língua é a menor unidade classificatória. Uma língua pode ser falada por um ou mais povos. Isso significa uma ancestralidade recente convergente, mas não significa necessariamente que um povo falante de uma mesma língua compartilhe os mesmos ideais ou conjuntos de ideologias, que variam desde o imaginário até os ritos do cotidiano.

Para o Brasil Central, até o momento, existem definidos três Troncos Linguísticos: Macro-Jê, Tupi e Aruak. Algumas famílias linguísticas, tal como algumas línguas, não possuem estudos classificatórios claros.

GRUPOS QUE FALAM LÍNGUAS DO TRONCO MACRO-JÊ

Grupo	Língua	Família	População	Município	Estado
Gavião/Pukobié	Timbira	Jê	500 - 700 pessoas	Amarante	Maranhão
Krikati	Timbira	Jê	700 - 900	Montes Altos	Maranhão
Krikati/Gavião	Timbira	Jê	Demografia desconhecida	Barra do Corda	Maranhão
Timbira/Pukobié	Timbira	Jê	20 - 30	Grajaú	Maranhão
Canela Apaniekra	Timbira	Jê	500 - 600	Barra do Corda	Maranhão
Canela Ramkokamekra	Timbira	Jê	1.800 - 2.000	Barra do Corda	Maranhão
Krahó	Timbira	Jê	2.200 - 3.000	Goiatins e Itacajá	Tocantins
Apinayé	Timbira	Jê	1.500 - 1.800	Tocantinópolis	Tocantins
Gavião/Parkategê	Timbira	Jê	500 - 700	Região de Mãe Maria	Pará
Borôro	Borôro	Borôro	1.300 - 1.600	Rondonópolis, General Carneiro, Poxoréu, Santo Antônio do Leverger e Barão de Melgaço	Mato Grosso
Xavante	Akuen	Jê	13.000 - 16.000	Barra do Garças, Chapada dos Guimarães, General Carneiro e Poxoréu	Mato Grosso
Xerente	Akuen	Jê	3.000 - 3.500	Tocantínia	Tocantins
Ofayé	Ofayé	Ofayé	60 - 100	-	Mato Grosso do Sul

GRUPOS QUE FALAM LÍNGUAS DO TRONCO MACRO-JÊ CUJAS FAMÍLIAS AINDA NÃO FORAM CLASSIFICADAS

Grupo	Língua	Família	População	Município	Estado
Javaé/Karajá	Karajá	-	1.300 - 1.500	Formoso do Araguaia e Cristalândia (Ilha do Bananal)	Tocantins
Karajá	Karajá	-	3.500 - 4.500	Aruanã (01 aldeia)	Goiás
-	-	-	-	São Miguel do Araguaia, Conceição do Araguaia, Pium, Dueré, Cristalândia e Santa Terezinha	Tocantins
-	-	-	-	Santana do Araguaia	Pará
-	-	-	-	São Felix e Luciara (pequenos grupos)	Mato Grosso
Karajá do Norte/Xambioá	Karajá	-	300 - 400	Araguaína	Tocantins

GRUPOS QUE FALAM LÍNGUAS DO TRONCO TUPI

Grupo	Língua	Família	População	Município/Área	Estado
Guajajara	Tenetehara	Tupi-Guarani	20.000 - 22.000	Bom Jardim, Grajaú e Barra do Corda	Maranhão
Urubu-Kaapor	Urubu	Tupi-Guarani	1.000 - 1.500	Carutapera, Cândido Mendes, Turiaçu e Monção	Maranhão
Tembé	Tenetehara	Tupi-Guarani	1.500 - 1.700	Reserva Indígena Turiaçu	Maranhão
Tapirapé	Tapirapé	Tupi-Guarani	600 - 800	São Félix	Mato Grosso
-				Santa Terezinha	Tocantins
Avá-Canoeiro	Não definida	Tupi-Guarani	Demografia desconhecida	Formoso do Araguaia e Cristalândia	Tocantins
-				Colinas do Sul, Cavalcante e Minaçu	Goiás
Guarani	Guarani	Tupi-Guarani	13.000 - 14.000	Amambai, Sete Quedas, Eldorado, Douradinha, Dourados, Caarapó, Bela Vista, Antônio João, Ponta Porã, Tacuru, Aral Moreira e Novo Mundo	Mato Grosso do Sul
-				Araguaína (grupo pequeno, de cerca de 20 pessoas)	Tocantins
Suruí do Tocantins	Aikewara	Tupi-Guarani	300 - 500		Pará

GRUPOS QUE FALAM LÍNGUAS DO TRONCO ARUAK

Grupo	Língua	Família	População	Município/Área	Estado
Terena	Terena	Aruak	20.000 - 25.000	Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dourados, Sidrolândia e Nioaque	Mato Grosso do Sul
Kinikawa	Kinikawa	Aruak	300 - 400	-	Mato Grosso do Sul

GRUPOS QUE FALAM LÍNGUAS CUJAS FAMÍLIAS NÃO FORAM IDENTIFICADAS EM TRONCO

Grupo	Língua	Família	População	Município/Área	Estado
Kadiwéu	Kadiwéu	Guaiakuru	1.700 - 2.200	Porto Murtinho	Mato Grosso do Sul
Bakairi	Bakairi	Karib	900 - 1.200	Chapada dos Guimarães e Nobre	Mato Grosso
Chamacoco	Chamacoco	Samuko	40 - 80	-	Mato Grosso do Sul

GRUPOS SOBRE CUJAS LÍNGUAS NÃO SE TEM INFORMAÇÕES

Grupo	Língua	Família	População	Município/Área	Estado
Camba	-	-	2.000 - 3.000	Corumbá	Mato Grosso do Sul
Guajá	-	-	240 - 300 150 sem contato	Bom Jardim, Santa Luzia e Imperatriz	Maranhão
-	-	-	-	Goiatins	Tocantins

GRUPOS QUE DEIXARAM DE FALAR A LÍNGUA ORIGINAL

Grupo	Língua	Família	População	Município/Área	Estado
Tapuia	-	-	200	Nova América e Rubiataba	Goiás
Umutina	O último falante conhecido da língua original morreu em 2004	-	400 - 600	-	Mato Grosso



ORIGEM

Os primeiros ancestrais das populações indígenas que hoje ainda habitam o Cerrado chegaram por volta de 11.000 anos antes do tempo presente (AP). Vieram mediante um processo de levadas sucessivas em épocas diferentes.

Muitas dessas levadas tinham parentesco genético e cultural. Entraram na América do Sul pelo Istmo do Panamá, por volta de 16.000 anos AP, mas seus ancestrais mais antigos vieram da Sibéria para a América do Norte por volta de 22.000 anos AP, utilizando o Estreito de Bering e aproveitando os corredores de migração formados pelo interglacial Illinoian-Wisconsin. Todos são geneticamente pertencentes ao grupo racial mongólico ou mongoloide, que como o próprio nome indica, teve sua origem na região que hoje corresponde à Mongólia.

O termo raça é usado pela Antropologia Biológica para definir uma categoria taxonômica, que significa apenas uma variação em uma mesma espécie. Assim, todos os seres humanos conhecidos como Ameríndios, quando chegaram à América, já eram *Homo sapiens sapiens* mongoloide (termo usado para a designação de raças humanas, assim como caucasoide ou negroide).

Embora fossem descendentes de um mesmo tronco racial, já existiam, entre os diversos grupos que aqui chegaram, marcantes diferenciações culturais, refletidas na cultura material, nos sistemas sociais de organização e possivelmente na língua falada.

Mas existiam também muitas semelhanças, principalmente no que diz respeito à obtenção de alimentos e na busca de abrigos naturais para se protegerem das intempéries. Todos tinham sua economia baseada na caça e na coleta, fato que os obrigava a adotarem sistemas de planejamento social e ambiental eficazes para garantirem sua sobrevivência.

Por volta de 11.000 anos, com o fim da glaciação Wisconsin, o caminho pelo Estreito de Bering tornou-se inviável. Somente muito tempo depois outras levadas de populações alcançaram a América através do Pacífico, oriundas da Polinésia, ou se deslocando pela neve através da Groenlândia. Essas levadas também pertencem racialmente ao Tronco Mongoloide.

PRIMEIROS TEMPOS

No novo Continente, as populações Ameríndias, organizadas em pequenos grupos clânicos, foram obrigadas a um isolamento geográfico por longo tempo, o que contribuiu para aumentar ou fazer surgir uma diferenciação linguística cada vez mais acentuada, fenômeno que aconteceu também no Brasil Central.

Além das diferenciações linguísticas, sistemas de organizações sociais e ideológicas foram se sedimentando ao longo do tempo, aumentando a diferenciação entre os grupos ou povos. A maior parte desses grupos, ao longo do tempo, inventou ou incorporou novas tecnologias no seu cotidiano, tais como a cerâmica, as ferramentas de pedra polida e a domesticação de algumas espécies vegetais, desenvolvidas localmente ou aprendidas por intercâmbio.

Essas novas tecnologias causaram um impacto positivo nessas populações, refletido especialmente pelo crescente demográfico. O que se constata, como regra geral, e que leva a concluir, com boas razões, é que os primeiros habitantes encontrados pelos brancos nos diversos locais do Cerrado foram os que se desenvolveram e se adaptaram nesse local por séculos.

Também não se pode aceitar o argumento de que a colonização do litoral pelos portugueses já tenha afetado os grupos do centro do Brasil, na sua estrutura demográfica e cultural, ou os tenha tornado instáveis antes de os brancos os alcançarem diretamente.



IMPACTOS DO CONTATO

As Bandeiras chegaram à região rapidamente em busca de mão de obra, ouro e pedras preciosas, não dando tempo para outra onda de desestruturação atingir o local antes.

Os contatos diretos dos bandeirantes – que ainda encontram as populações plenamente instaladas, com suas aldeias, seus roçados, seus campos de caça e coleta, como haviam sido em épocas anteriores – provocam não só uma desagregação social, mas também a diminuição da população por escravização, guerras e doenças.

Provocam também a deterioração econômica, com a ocupação de espaços vitais para os cultivos das roças, a desorganização dos espaços de cada aldeia, levando os grupos à guerra, primeiro contra os arraiais brancos, mas também entre si.

A imagem que os viajantes e etnógrafos do século XIX oferecem das populações então sobreviventes, com absoluta certeza, já é falsa, porque o impacto violento da colonização – primeiro, desestruturando, depois, reestruturando a sociedade, a economia, e talvez partes consideráveis da cultura – já havia sido absorvido.

Se isso parece verdadeiro para as populações ainda numerosas que assolaram desesperadas os arraiais brancos antes de serem “pacificadas”, é muito mais significativo para as populações já reduzidas, que foram aldeadas e completamente aculturadas sob o domínio do colonizador.

RESISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA

Os descendentes dos povos contatados que hoje sobrevivem na medida em que levam uma vida nas aldeias, devem ter reorganizado mais de uma vez a sua sociedade e a sua cultura com os restos que salvaram do impacto colonial, readaptando-se de

acordo com as novas condições e necessidades.

Nessa perspectiva, qualquer política indigenista que vise ao êxito das populações indígenas deve levar em consideração a história evolutiva desses povos, que não são únicos e por isso não são homogêneos. São nações com seus valores culturais individualizados e moldados pela evolução e adaptação.

Colocá-los em modelos de escolas ocidentalizadas, incluindo as universidades, é uma falácia. Seus saberes, em muitos aspectos, voam mais alto que os saberes ocidentais. Equipá-los [indistintamente] com a parafernália tecnológica do mundo [moderno] também é um engano sem precedentes, comparado ao engano da substituição de suas divindades pelas divindades ocidentais.

Uma política em que um representante do homem ocidentalizado fale em nome de todos os índios ou um índio tente representar mais de cem nações, algumas até com rivalidades tradicionais, demonstra falta de orientação. Portanto, é necessário que se respeite a heterogeneidade dos indígenas e que os órgãos governamentais criados pra cuidar do assunto assumam a humildade de que pouco conhecem e deixem que cada Nação ou Povo decida seu rumo.

A bandeira do “preconceito” empunhada sem conhecimento de causa é mais preconceituosa do que a essência do próprio preconceito. Se essa prática demagógica e ingênua continuar, daqui a algum tempo certamente falaremos: Antes de 1.500, todos os povos do Cerrado eram índios, em breve, nenhum o será.



Altair Sales Barbosa

Excerto do livro “O piar da Juriti Pepena” – Editora PUC Goiás – 2014



SINDICATO DOS BANCÁRIOS COMBATE A PEC 55, QUE CONGELA OS INVESTIMENTOS PÚBLICOS

Em mais uma afronta ao povo brasileiro, o governo Temer insiste na aprovação da PEC 55, que prevê o congelamento dos investimentos em saúde e educação públicos por até 20 anos e libera os gastos para o setor financeiro. Depois de passar pela Câmara, o texto foi aprovado em primeiro turno no Senado, no dia 29 de novembro.

Neste dia, mais de 20 mil pesso-

as protestavam pacificamente na Esplanada dos Ministérios contra a PEC, entre eles estudantes, sindicalistas, povos indígenas e trabalhadores. Mas a Polícia Militar do DF achou por bem reprimir com violência a manifestação. O Sindicato denunciou e condenou a atuação da PM, uma demonstração desmedida de força a exemplo que lembrava os tempos de ditadura militar.

**PARA O SINDICATO,
CASO A PEC SEJA
APROVADA, O BRASIL
VIVERÁ UM GRANDE
RETROCESSO.**

BANCÁRIOS DF
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA

CANDOMBÁ: ARBUSTO TÍPICO DO CERRADO

Liciane Carvalho

Candombá (*Vellozia variabilis*), arbusto típico do Cerrado. A floração ocorre de abril a agosto, seu caule grosso produz uma resina que entra facilmente em combustão e dizia-se que era a lanterna do povo do sertão, exemplificado no trecho do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha:

"[...] aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo.

[...] Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmamente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados.

[...] E se é preciso avançar a despeito da noite, e o olhar afogado no escuro apenas lobriga a fosforescência azulada das cumanãs dependurando-se pelos galhos como grinaldas fantásticas, basta-lhe partir e acender um ramo verde de candombá e agitar pelas veredas, espantando as suçuaranas deslumbradas, um archote fulgurante...



KAMBÔ:

A CURA QUE VEM DO SAPO

Jairo Lima



Primeiramente, para quem não sabe, a popularmente chamada “vacina do sapo”, ou simplesmente “kambô”, é mais uma das medicações indígenas da Amazônia, muito comum no Acre e no Peru.

O kambô, que na verdade é feito com a secreção de uma rã (*Phyllomedusa bicolor*), serve principalmente para afastar as “panemas”, que é o estado negativo de nosso espírito que atrai as doenças, os problemas e as desarmonias na vida da gente.

A ciência do kambô é algo muito sério porque está diretamente ligada a aspectos ritualísticos, sem os quais perde seu objetivo principal, que é a harmonização de nosso yuxin com as forças espirituais da natureza. E o yuxin é um dos nossos espíritos, pois, segundo a crença de muitos povos indígenas, todos nós temos dois.

Não se trata, portanto, só de fazer os “três pontinhos”, aplicar a secreção e ficar esperando o momento de retirá-la. O kambô é uma medicação, um “remédio” que se toma quando se tem necessidade e, ao contrário do que muitos dizem, pode sim levar alguém à morte.

Nota-se o aumento de pessoas que se apresentam como aplicadores de kambô, que se dizem conhecedores da medicação. É preciso ter cuidado com o charlatanismo e com

a pirataria. Essa medicação já foi alvo de briga internacional entre os indígenas do Acre e empresas internacionais que tiveram a ousadia de, além de piratear, também patentear os princípios ativos encontrados na secreção da kambô.

Há também que se refletir se o aumento na procura da secreção dessa rã pode ter algum impacto ambiental sobre a espécie, uma vez que as kambôs não são criadas em cativeiro, sendo sua obtenção através da captura na natureza.

– Ué... quer dizer que se for índio que aplica está tudo bem?

Não, o pressuposto de ser indígena não garante a aplicação correta dessa medicação. Seria a mesma coisa que achar que todo japonês sabe preparar um sushi. Entretanto, os indígenas que utilizam essa medicação a conhecem desde a infância e sabem muito sobre seus rituais, dietas e aplicações, mesmo sem ser, necessariamente, um pajé.

No Acre, todos os povos indígenas são usuários do kambô, mas os Yawanawá, os Kaxinawá e os Katukina sempre foram considerados os principais expoentes desse conhecimento, principalmente por sua luta pelo reconhecimento e pela proteção desse conhecimento como exclusivo dos povos indígenas.

Os povos indígenas

defendem a retomada das pesquisas sobre essa medicação, para que se defina o seu uso como homeopático, reconhecendo, valorizando e certificando as comunidades indígenas e extrativistas por seu conhecimento.

Defendem, ainda, o estabelecimento de “casas de cura”, a exemplo do governo chinês que as criou para vários tratamentos tradicionais na China. Até lá, é preciso informar, esclarecer e, se necessário, reprimir a comercialização e o uso indiscriminado do kambô.

E é fundamental entender que só quem está doente busca a cura. Assim como só quem está em desarmonia busca harmonizar-se. Afinal, água demais faz transbordar o pote, e o peso em demasia pode derrubá-lo e quebrá-lo, diz a sabedoria indígena.

Jairo Lima

Indigenista acreano
cronicasindigenistas.blogspot.com.br



UnB:

O PROJETO MAIS AMBICIOSO DA INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA

Antônio Paulo Filomeno

Que Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira são os pais da UnB, não há dúvida; mas isso não é dizer tudo. Na realidade, foram eles os idealizadores e gestores de sua implantação, mas muitas outras pessoas puseram o "ombro no andor", no dizer do próprio Darcy.

Na verdade, a UnB foi o projeto mais audacioso e ambicioso da intelectualidade brasileira. Entre 1950 e 1961, a criação da Universidade de Brasília constituiu-se no debate preferido pelos intelectuais que viam naquela ideia um projeto viável.

Em 1958, Juscelino Kubitschek criou por decreto uma comissão para projetar a UnB, composta por Darcy, Oscar Niemeyer e Ciro dos Anjos. A elite intelectual das universidades da época, formada por catedráticos tradicionais, não via com bons olhos as mudanças anunciadas.

Não só os catedráticos bombardeavam a ideia, mas também políticos de influência e prestígio como Israel Pinheiro, para quem manifestações estudantis e operárias eram pragas que deveriam ser combatidas, uma vez que poderiam atrapalhar o projeto de implantação da nova capital. Israel combateu o quanto pôde a ideia de criação da UnB. Não foi fácil, portanto, vencer aquele homem obstinado. Chegou até a sugerir como local um terreno a sete ou oito quilômetros de Brasília para a construção do campus.

Por ocasião da publicação do

plano diretor, com sugestões dadas por diversos intelectuais, criou-se um vivo debate em todos os segmentos culturais do país, que sacudiu os alicerces empoeirados das velhas universidades. Era a UnB que já nascia polêmica.

Estabeleceram-se então claramente os partidários da nova ideia – estudantes, professores, intelectuais – e os que se opunham tenazmente a ela, para quem o melhor era continuar tudo como estava.

Uma grande adversária foi parte da própria igreja católica, ou melhor, os dirigentes da Companhia de Jesus, que tentavam implantar em Brasília a Universidade Católica. Argumentavam com JK que na capital americana a principal universidade era católica. (...) Juscelino, para não desagradar o clero poderoso dos Jesuítas, chegou a vacilar.

Não fosse a tenacidade e a esper-teza de Darcy Ribeiro, talvez a UnB não tivesse saído do papel. Aliar-se aos Dominicanos, tradicionais opositores dos Jesuítas, e implantar no campus o Instituto de Teologia, foi a saída proposta por Darcy. Frei Mateus, Geral da Ordem, aceitou a ideia e foi para Roma, de onde voltou com a aprovação do Papa João XXIII.

Darcy e seus auxiliares conseguiram com isso provocar críticas principalmente ente os anticlericais declarados, que os acusaram de traição ideológica, já que viam

no projeto não só uma dicotomia ou paralelismo de ações entre a Universidade o Instituto Teológico projetado, como também receavam uma volta ao passado.

As Universidades Católicas, desde épocas remotas, ditavam os padrões de ensino. Os argumentos de Darcy a favor do princípio de não duplicação, isto é, nenhum curso seria ministrado em paralelo entre o Instituto Teológico e a Universidade pareceram surtir efeito.

Outro argumento forte era a ideia de unificar ou aproximar alguns segmentos da intelectualidade universitária, entre os quais o sacerdotal e o militar, fontes de frequentes e prejudiciais polêmicas, em um programa co-participativo.

De nada adiantaram os esforços. Anos depois, quando a Universidade foi invadida pelas tropas mineiras, o único prédio destruído fisicamente foi o da Teologia, belíssima obra de Oscar Niemeyer. Obviamente, o convênio da Universidade com os dominicanos foi anulado.

Apesar de todos esses percalços, o projeto de criação da UnB foi enviado por JK ao Congresso Nacional pelo Ministro da Educação Clovis Salgado. Durante a tramitação na Câmara, Jânio Quadros assumiu a Presidência da República. Novos esforços foram feitos para agilizar o encaminhamento do projeto, graças à tenacidade de José Aparecido e Carlos Castelo Branco.

Na Câmara, o projeto encontrou resistências significativas, principalmente da oposição udenista, que argumentava não só contra o volume de recursos destinados, mas principalmente contra a autonomia conferida pelo estatuto da Fundação.

Após o difícil debate, o projeto não conseguiu ser aprovado devido à renúncia de Jânio Quadros. Darcy correu para a Câmara dos Deputados com medo de que a crise instaurada acabasse por fechar o parlamento.

Em meio à tumultuada sessão que acatou o pedido de renúncia, o projeto foi encaixado na ordem do dia em 18º lugar, graças aos esforços de Sérgio Magalhães, presidente da sessão. Após intensa discussão, o projeto foi aprovado por significativa maioria.

A etapa seguinte, no Senado, consumiu meses de esforços. A principal questão levantada era como um intelectual marxista poderia projetar uma Universidade que não fosse marxista, e como, não sendo marxista, o Senado poderia aprová-la. A batalha foi ganha. Vencida a luta, veio a angústia da implantação da UnB, já criada por lei em fins de 1961.

Darcy foi o reitor e Anísio Teixeira o vice. Graças aos esforços de Anísio, transferindo recursos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos à Fundação Universidade de Brasília, a UnB pôde inaugurar seus primeiros cursos experimentais em março de 1962, e que funcionariam provisoriamente em dois andares de um Ministério da Esplanada.

As verbas oficiais destinadas por lei foram recebidas muito tempo depois. Nascia a UnB.

Como devem ter sido heroicos aqueles tempos pioneiros. A luta, o entusiasmo, as barreiras sendo vencidas, e principalmente a derrocada dos opositores anacrônicos, presos ao passado e a outros interesses, avessos ao pioneirismo que Brasília exigia.

Antônio Paulo Filomeno

Médico e Escritor em "De Laguna a Brasília - Luta e Esperança", Editora Letra Ativa, 2005.

GESTÃO PÚBLICA MUNICIPAL: DESAFIOS PARA A PARTICIPAÇÃO CIDADÃ

Jacy Afonso

A partir das eleições municipais de 2016, os 5.570 municípios brasileiros têm novos desafios a enfrentar nos próximos quatro anos. A construção coletiva de cidades mais justas exige planejamento e organização, com o envolvimento de todos os seus atores; necessita da compreensão de sua complexidade e diversidade para a construção de espaços municipais equitativos e sustentáveis.

Como reflexo das relações sociais e consequência da organização das outras esferas de governo, o modelo de gestão adotado pelos municípios brasileiros gera e reforça desigualdades. A contradição entre a função do gestor e a lógica político-eleitoral reforça a cultura do clientelismo, limitando as prioridades de prefeitos e vereadores a estratégias eleitorais de atuação.

As elites locais pressionam e controlam os investimentos e tendem a gerir os recursos. A gestão pública precisa compreender que suas ações se dão no âmbito de um jogo social e político de contradições.

Considerar a participação comunitária como ferramenta de administração, possibilita a tomada de decisões que envolvem os diferentes aspectos sociais, econômicos e ambientais. E amplia a visão para estabelecer prioridades que possibilitem a superação das dificuldades e o desenvolvimento das potencialidades do município e da sua gente. É esse jogo que consolida a democracia.

A democracia participativa exige que a prestação de contas pelos governantes ao povo soberano deve

ser deliberativa e contínua. O desafio da gestão é incentivar e garantir nas instituições uma cultura política que promova o debate, o entendimento e o envolvimento político exigidos para a efetivação da participação e do controle social.

Os conselhos municipais de direitos são importantes instrumentos para uma gestão democrática. Esses espaços estimulam a contribuição e a corresponsabilidade, comprometendo autoridades e municípios com a coletividade, com o pensar e planejar com a consciência do todo e do diverso.

A definição das primazias com origem em um processo de negociação em torno de uma agenda trazida pelos atores sociais e que estabeleça a ordem de importância das ações é fundamental para o exercício da participação cidadã.

Criar mecanismos de acompanhamento é outro instrumento que divide responsabilidades e compromete autoridades e população com o desenvolvimento das políticas e programas definidos. O processo de orçamento participativo é importante nesse momento.

O gestor público municipal também é desafiado a estabelecer estratégias para ações de médio e longo prazos. Reforçar potencialidades, vocações e identidades na perspectiva do desenvolvimento local sustentável com o uso racional dos recursos naturais, investimentos em serviços de infraestrutura e iniciativas de valorização sociocultural fortalece o município e inclui seus cidadãos.

Cabe também a este desenvolver

especialidades para gerir os recursos públicos de forma eficiente, investindo em planejamento, estimulando a criação de consórcios entre municípios para otimizar recursos e ampliar resultados.

O desenvolvimento de parcerias da prefeitura com os vereadores, com organizações sociais locais, como sindicatos, movimentos de sem-terra e sem-teto, igrejas, grêmios estudantis, organizações não governamentais, pode dar o tom para uma administração comprometida com as demandas da comunidade e com soluções coletivas para o enfrentamento das dificuldades.

Outro aspecto fundamental é considerar o equilíbrio entre ações urbanas e rurais, implementando políticas para fortalecer e reconhecer o potencial para o desenvolvimento das áreas rurais.

O processo de urbanização é acelerado. As cidades são construções sociais. As motivações, por meio de políticas adequadas, para que as pessoas possam continuar no campo com plenas condições de vida saudável e bem-estar social devem ser planejadas e articuladas, pois o futuro da cidade está intimamente ligado ao setor rural.

O resgate do Programa Territórios da Cidadania, implantado no Governo Lula, é fundamental para tratar as questões não urbanas. O Programa tem como objetivo "promover e acelerar a superação da pobreza e das desigualdades sociais no meio rural, inclusive as de gênero, raça e etnia, por meio de estratégia de desenvolvimento ter-

ritorial sustentável".

É evidente que a gestão pública municipal está se tornando cada vez mais complexa devido à diversidade de temas a serem tratados e dos atores envolvidos com as políticas públicas. Para dar conta de tudo isso, é preciso investir na criação de uma equipe de gestores comprometida com as políticas públicas municipais e preparada para tratar com pessoas.

O desenvolvimento de competências básicas que atendam à complexidade da administração do município, assegurando a qualidade dos serviços prestados à população, é fundamental. Para garantir essa competência, é preciso investir na qualificação e valorização dos servidores públicos, ofertando uma formação comprometida com a construção de formas mais democráticas de relação entre a administração municipal e a sociedade.

Essa formação precisa dar espaço à discussão sobre como superar práticas tradicionais de clientelismo e corporativismo, ou mesmo da costumeira burocracia, que em geral é antidemocrática. Uma iniciativa importante são os cursos de especialização em Ges-

tão e Políticas Públicas, promovidos pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com a Unicamp. Em modalidade semipresencial, são ofertados a dirigentes públicos, parlamentares e lideranças de organizações sociais.

O município precisa ser construído com enfoques humanos, desenhados, pensados e repensados de maneira participativa, considerando suas diversidades e com a perspectiva da sustentabilidade. Quem transforma nossos municípios somos nós, cidadãos e cidadãs que o habitamos.

De nós depende que possamos viver em espaços nos quais assumamos responsabilidades coletivas para construir cidades menos fragmentadas e segregadas e mais coesas, com menos espaços fechados e privilegiados e mais

áreas de convivência. Devemos efetivamente decidir que queremos viver solidariamente, em uma cidade que seja espaço de humanização, inclusiva e que contemple uma cidadania que tenha protagonismo para impulsionar transformações para um desenvolvimento municipal e nacional mais justo.

Nesse mundo globalizado, resgatemos Tolstoi: "Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia".

E reafirmamos: Mudar o mundo a partir da aldeia. A cidade é da cidadania!



Jacy Afonso
Sindicalista



CAVERNA DOS ECOS, OU GRUTA DOS ECOS:

UM PATRIMÔNIO A SER PRESERVADO

Eduardo Pereira

Pra quem gosta de espeleologia e anda pelas bandas de Cocalzinho e Pirenópolis, vale a pena conhecer a Caverna dos Ecos, localizada no município de Cocalzinho, a apenas 70 quilômetros de Brasília e a 40 de Pirenópolis.

Descoberta em março de 1975, essa imensa caverna, também chamada de Gruta dos Ecos, tem mais de um quilômetro de extensão (cerca de 1.275 metros) e chega a 150 metros de profundidade, com uma entrada de grande impacto de descida, a 142 metros de profundidade.

A caverna é de extrema importância para a espeleologia mundial, já que, em termos de litologia, não se conhece outra caverna dessa dimensão com essas características, formada por micaxistos e quartzitos, o que, segundo os especialistas, explica a ausência de espeleotemas.

Nela, encontra-se o maior lago subterrâneo da América do Sul, o

Lago dos Ecos, com cerca de 300 metros de extensão por 50 metros de largura, e uma profundidade que varia de 10 a 15 metros.

Até onde já se explorou (seu mapeamento topográfico se estendeu por cinco anos), a Gruta dos Ecos é composta por seis grandes salões, onde podem ser observados incríveis encaixes de rochas de calcário e micaxisto.

Ente seus salões principais estão o Salão de Entrada, o Salão das Nuvens, a Galeria Açu, a Galeria Mirim, a Galeria do Lago e o Salão dos Morcegos, também conhecido como o Salão das Catacumbas. O mais bonito deles é o "Salão do Piano", cuja formação se parece muito com um piano do tipo "rabo de peixe".

Os estudiosos dizem que a existência de grandes blocos escorregadios, que formam obstáculos à passagem humana, indicam que a região pode já ter sido fundo de mar em épocas remotas.

ANOTE AÍ!

- É importante verificar se há autorização do IBAMA para as visitas.
- Visitas só podem ser feitas com o acompanhamento de guias locais, contratados em Cocalzinho ou Pirenópolis.
- O tempo médio de caminhada pelos salões da Gruta é de cerca de cinco horas, sendo permitida a prática do rapel e, respeitando-se as medidas de segurança indicadas, também o nado nas águas cristalinas do lago subterrâneo.
- A visitação só é recomendável no período da seca e na presença de guias experientes. Durante as chuvas, há o risco do desmoronamento de rochas.



CARNE CHEIA

UM JEITO ANTIGO E DELICIOSO DE PREPARAR A CARNE SUÍNA

Lúcia Resende

Houve um tempo em que a luz elétrica não existia na zona rural. Tempo de lamparina, de candeia, de luz fraca, fumacenta. No máximo, um lampião a querosene. Pois é deste tempo o costume de guardar carne na lata, na banha, porque geladeira só existia mesmo na cidade. De freezer nem se falava.

De regra, a carne vinha do galinheiro, do chiqueiro e do mangueiro. Uma de cada vez. Peixe também, se a terra fosse perto de rio, como era o nosso caso.

Ali, nas margens do Rio Grande, comíamos dourado, jaú, pintado, piaú, piapara, lambari... Mamãe era exigente e, naqueles tempos de fartura, os outros ela dispensava. Traíra, papa-terra, caranha, pacu, cascudo, piranha, estes nem pensar!

Em nossa casa mineira, o frango caipira era frequente, mas obrigatório mesmo era quando chegava visita. Aí era "estumar" o cachorro, pegar o frango, depenar, sapecar na palha de milho, cortar e preparar o molho no fogão a lenha.

Fora isso, alternadamente, abatia-se uma novilha e depois um "capado", que é o porco castrado e submetido a regime de engorda.

No caso da novilha, preparava-se parte da carne, fazia-se muita linguiça "cuiabana", que ficava defumando dependurada em cima do fogão, mas a maior parte era salgada e colocada ao sol para secar. Assim era possível conservar a carne por longo período, até que terminasse o último pedaço. A carne seca era sempre feita junto com arroz (carreteiro), mandioca (quibebe) ou macarrão. Finda a carne de vaca, era hora de abater o porco.

Com a carne suína o procedimento era semelhante, com algumas variações, mas um preparo era obrigatório: a carne cheia! Pronta, a carne cheia ficava na própria gordura, junto com a carne de osso, e os pedaços eram retirados, requentados na hora do consumo. Uma delícia!

É esta receita que trazemos hoje, adaptada em quantidade menor, lembrando que não é pra ser consumida com frequência, mas vez ou outra. Afinal, é muita gordura...

CARNE CHEIA

Cerca de 2,5 kg de pernil de porco. Pedir ao açougueiro para separar as peças, para recheiar.

500 gramas de carne suína moída (ou bovina moída com um pouquinho de toucinho)

1 kg de toucinho picado

Sal, alho, pimenta do reino e bode (de cheiro)

MODO DE FAZER

Em uma panela grande, frite o toucinho. Separe os torresmos, deixando a gordura, e reserve. Tempere bem a carne moída com alho, sal, pimenta do reino e de cheiro. Com uma faca afiada, faça uma cavidade em cada pedaço da carne, de modo que se possa colocar o recheio. É preciso cuidar para que no início a abertura seja a menor possível e só se alargue no interior da peça de carne, isso evita que o recheio saia quando começar o cozimento. Com jeito, vá colocando a carne moída temperada pela cavidade aberta, até encher bem. Cheios os pedaços de carne, tempere com 2 ½ colheres de sal (aproximadamente) e 2 dentes de alho amassados. Em seguida, coloque tudo na panela com a gordura já morna, acrescentando água até cobrir a carne e deixe cozinhar, virando de vez em quando, até que, ao espetar um garfo e puxar, a carne desfie. Durante o processo, provar e regular o sal. Se preciso, colocar mais água, aos poucos. Depois de cozida, deixar fritar a carne, virando, até dourar por completo. Retirar da panela, escorrer, fatiar e servir. Como acompanhamento, é indispensável arroz e feijão. Além disso, vão bem angu de milho verde, mandioca, abóbora, fatias de abacaxi ou o que mais a imaginação permitir.

Obs.: A sobra deve ser guardada inteira, sem fatiar, na gordura. Para servir em outra refeição, levar ao fogo, acrescentando um copo de água.



BOM APETITE!



Lúcia Resende
Professora

@mluciares



Movimento Solidário



Sabe aquele calor que dá no coração na época do Natal?

Com o Movimento Solidário você sente isso o ano inteiro.

Aproveite que o espírito natalino está chegando e **acesse o site do Movimento Solidário**. Depois de conhecer as ações do projeto, **você também vai querer fazer parte.**

Acesse e conheça mais sobre o projeto.

www.fenae.org.br/movimentosolidario



ATÉ MESMO A ASA-BRANCA!

Eduardo Henrique

A asa-branca (*Patagioenas picazuro* Temminck, 1813) é uma ave pertencente à família Columbidae, amplamente distribuída nas regiões do Brasil, exceto nas matas densas da Amazônia. Seu nome popular deve-se as faixas brancas presentes em suas asas, sendo esta uma característica marcante dessa espécie. Além disso, o que chama bastante atenção é a construção do ninho por parte do casal, onde ambos fornecem os cuidados necessários ao filhote até o momento do primeiro voo.

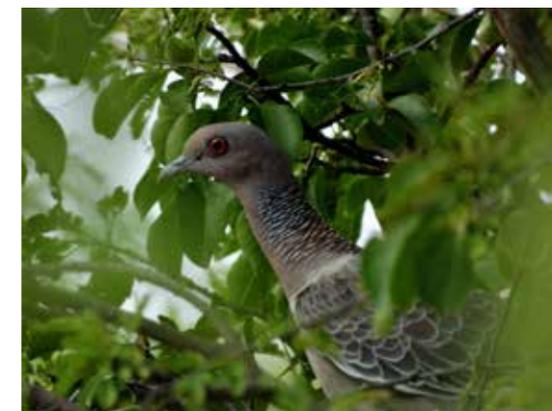
Na Caatinga, a alimentação da asa-branca baseia-se em sementes de gramíneas e pequenos frutos como a quixaba, fruto da quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium* (Roem&Schult.) T. D. Penn.), a favela da faveleira (*Cnidocolus quercifolius* Pohl), entre outros. Dessa forma, compreende-se o quanto essa ave contribui para dispersão de sementes de espécies que apresentam diver-

sos usos no Semiárido brasileiro, tais como medicinal, alimentação humana e animal. Assim, essa relação direta entre as aves e a flora leva-nos a entender que sem flora não há aves, sem aves não há caatinga e sem caatinga não há vida.

Dona de um canto apreciado pelos/as sertanejos/as e beleza exuberante, essa ave ficou bastante conhecida por inspirar Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira na composição de uma das mais conhecidas canções populares, estabelecendo-se uma relação entre o hábito de migração da asa-branca e a necessidade dos/as sertanejos/as deixarem suas casas durante as grandes secas no Semiárido brasileiro em busca de alimento e água.

“Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração”
(Trecho da canção: Asa Branca)

Referências:
www.wikiaves.com.br
www.floradobrasil.jbrj.gov.br



Fotos: Eduardo Henrique



Eduardo Henrique de Sá Júnior
– Estudante de Agronomia na UFRPE, administrador da página Viva Caatinga, fotógrafo da natureza.

DE MANO PRA MANO: CARTA PARA O AMIGO CHICO MENDES



Pedro Ramos de Sousa

Fundador do CNS junto com Chico Mendes no ano de 1985. Carta originalmente escrita para o livro *Vozes da Floresta*, publicado pela Xapuri em 2010, atualizada em dezembro de 2016, quando, no dia 22, se completam 28 anos do assassinato de Chico Mendes

Mano Chico, seu nome hoje é símbolo da luta dos seringueiros, dos ambientalistas; é símbolo do desenvolvimento sustentável e do ecologicamente correto.

Mano Chico, seu nome hoje é grande e respeitado por toda gente que deseja um sistema econômico sem as mazelas da depredação ambiental e da contaminação do solo, da água e do ar.

Mano Chico, depois que você morreu, seu ideal e seu nome ajudaram a criar as quatro primeiras reservas extrativistas, e muitas outras vieram depois, melhorando a qualidade de vida das pessoas da floresta que foram a razão maior da sua luta.

Mano Chico, você nem imagina que uns tempos atrás criaram o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, que chamam de ICMBio, resultante do desmembramento do Ibama, e depois disso esse é o órgão responsável pela gestão das áreas protegidas, inclusive das nossas Reservas Extrativistas.

Mano Chico, foi realizada no Brasil a Eco-92, onde se lançou a Carta da Terra, e depois a Rio+20, e depois dela o Brasil continua participando de muitas conferências mundiais e assinando acordos e tratados, inclusive recentemente assinou o Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas.

Mano Chico, em 2002 o nosso querido Lula foi eleito presidente do Brasil, e se reelegeu em 2006, e em 2010 foi eleita a Dilma, que também se reelegeu em 2014, mas foi deposta por um golpe do parlamento com o judiciário e com a mídia agora em 2016.

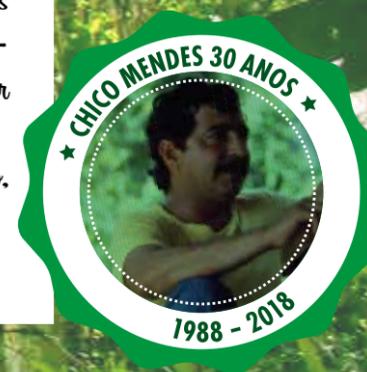
Mano Chico, no atacado o Lula e a Dilma fizeram governos muito bons, mas no varejo ficaram nos devendo. E o pior, Mano Chico, é que por agora não vamos ter como acertar essa conta, porque o governo que entrou depois de derrubar a Dilma deu logo um jeito de acabar com as nossas conquistas da agricultura familiar e tem tentado de todo jeito fechar os programas indígenas.

Mano Chico, o latifúndio da monocultura de exportação continua grilando nossas terras e se apossando dos nossos territórios. O desmatamento, a degradação ambiental e a contaminação das nossas águas continuam graves, mano Chico.

Mano Chico, a demarcação das terras indígenas, a regularização das terras quilombolas e a criação de novas reservas extrativistas estão esfriando na geladeira da Casa Civil da Presidência da República. Está faltando você por aqui, Mano Chico, para trocar uma prosa com os poderosos que continuam dominando nosso país a partir dos gabinetes de Brasília.

Mano Chico, quanto a mim, ando meio perrenque mas continuo por aqui como militante do Conselho Nacional dos Seringueiros, que nós criamos juntos, e que para incluir os novos parceiros, mudou o nome para Conselho Nacional das Populações Extrativistas, mas mantém a nossa velha sigla do CNS. Sem você por aqui, vou fazendo o que posso para seguir na nossa luta.

Mano Chico, já se vão 28 anos, e todo mundo anda com muita saudade de você. Então, mano Chico, até mais ver!



DIREITOS AMEAÇADOS NOS TRÊS PODERES DA REPÚBLICA

Antonio Augusto Queiroza

A investida dos três Poderes sobre os direitos sociais dos trabalhadores é devastadora e até parece orquestrada, como se houvesse uma distribuição de tarefas entre eles.

O Poder Executivo cuida do ajuste fiscal, voltado ao corte de direitos; o Legislativo, dos marcos regulatórios, destinados a retirar o Estado da prestação de serviços e da exploração da atividade econômica; e o Judiciário, notadamente o Supremo Tribunal Federal (STF), da desregulamentação ou flexibilização dos direitos trabalhistas.

No caso do Poder Executivo, três exemplos ilustram o que se afirma.

O primeiro foi o PLP 257, disposto sobre a negociação da dívida dos estados, que determina um forte ajuste nas contas públicas desses entes infranacionais, impedindo-os de contrair qualquer nova despesa nos próximos dois anos, inclusive com pessoal, além de obrigá-los a entregar patrimônio público como garantia da dívida repactuada.

O segundo é a PEC 241 (no Senado, 55), que congela o gasto da União, em termos reais, por 20 anos. Nesse período haverá apenas a atualização, pelo IPCA, da despesa realizada no ano anterior, independentemente de haver ou não crescimento da receita e do PIB.

A PEC não foi feita para ser cumprida. Ela foi concebida para punir o crescimento da despesa. Ou seja, para forçar o corte de direitos nas diversas áreas, como educação, saúde, Previdência, pessoal etc. Se a despesa for maior que a do ano

anterior, corrigida pelo IPCA, o governante terá, automaticamente, que promover cortes, inicialmente sobre os direitos dos servidores e também sobre os benefícios da Seguridade Social.

O terceiro é a reforma da Previdência, que propõe, entre outras mudanças: 1) idade mínima de 65 anos; 2) pensão com 60% do benefício; 3) igualdade de critérios entre homens e mulheres e entre trabalhadores urbanos e rurais para efeito de concessão de benefícios; 4) cálculo do benefício com 50% relativo à idade mínima, de 65 anos, e os restantes à razão de 1% por ano de contribuição, sendo o mínimo de 25 anos; 5) fim das aposentadorias especiais dos professores e policiais; e 6) regra de transição apenas para os segurados com mais de 45 anos, no caso de mulher, e de 50 anos, no caso do homem.

No caso do Poder Legislativo federal, as iniciativas no campo da regulação têm dupla dimensão: uma relacionada à abertura da economia, privatizações e parcerias público-privadas, e outra associada à chamada melhoria do ambiente de negócios, que passa por desburocratização e também por mudança nas relações de trabalho.

São exemplos de leis e iniciativa nessas áreas no Congresso: 1) a Lei 13.303/16, disposto sobre o estatuto jurídico da empresa pública, da sociedade de economia mista e de suas subsidiárias nos três níveis de governo; 2) a Lei 13.334/16 cria o Programa de Parcerias de Inves-

timentos (PPI); 3) o PLP 268/15, do senador Aécio Neves (PSDB-MG), que trata das regras de governança dos fundos de pensão, profissionalização da gestão e dos conselhos; e 4) o PL 4.576/16, do senador licenciado José Serra (PSDB-SP), que dispõe sobre o fim da Petrobras como operadora única do Pré-Sal.

Além destes, muitos outros projetos sobre relações de trabalho e revisão de processos nos campos da licença ambiental e licitações estão em debate ou formulação no âmbito da Comissão Especial de Desenvolvimento Nacional, criada no Senado Federal para debater e deliberar sobre a chamada "Agenda Brasil", proposta pelo presidente da Casa, senador Renan Calheiros (PMDB-AL).

No caso do Supremo Tribunal Federal, as decisões individuais e até coletivas dos ministros têm alvejado os direitos trabalhistas, sempre em prejuízo do trabalhador. Senão vejamos.

O STF, em processo em que o ministro Gilmar Mendes foi relator, determinou a redução de 30 para 5 anos o prazo prescricional para reclamação em relação ao depósito (em favor do empregado) do Fundo de Garantia de Tempo de Serviço (FGTS).

Como ninguém reclama no curso da relação de trabalho, porque em defesa do acessório pode perder o principal, que é o emprego, o risco é que o empregado só receba os últimos cinco anos de sua relação com a empresa, se o empregador resolver não depositar.

Outro processo, que teve liminar do ministro Gilmar Mendes, suspende uma súmula do Tribunal Superior do Trabalho que trata da ultratividade de cláusula de acordo e convenção coletiva. Para evitar que a empresa inviabilizasse a negociação coletiva, já que o dissídio exige o "de comum acordo" entre as partes (sindicato e empresa), o TST garantiu que as cláusulas de acordo ou convenção coletiva só seria revogadas por outro acordo ou convenção. A decisão do ministro retira essa garantia do trabalhador.

O ministro Teori Zavascki, na condição de relator de outro processo sobre relações de trabalho, reconheceu a prevalência do negociado sobre o legislado. Ou seja, permitiu que acordo, mesmo retirando direitos do trabalhador, tenha mais força do que a lei que o protege. Retira, com isso, o caráter de norma de ordem pública e caráter irrenunciável da lei trabalhista.

O ministro Luiz Fux, na condição de relator de outra causa trabalhista, não apenas propõe a autorização da terceirização na atividade-fim da empresa, revogando súmula do TST, como requer que essa decisão tenha repercussão geral. Isto significa que, caso seja aprovada sua decisão, qualquer empresa poderá funcionar sem funcionários próprios, terceirizando toda sua força de trabalho.

A julgar pelos fatos relatados, os direitos dos trabalhadores, dos assalariados e dos que dependem da prestação do Estado se encontram fortemente ameaçados por essa onda conservadora e neoliberal. É preciso que a sociedade reaja e ponha freio nessa investida sobre os direitos dos mais fracos econômica, social e politicamente na relação com o Estado e com o mercado.

Antônio Augusto de Queiroz
Jornalista, analista político e diretor de Documentação do Diap.

Fonte: Agência DIAP





Kurehete Kamaiurá

A LENDA DO LAGO IPAVU: O VÔMITO DO POMBO QUE BEBEU A ERVA SAGRADA

No lago Ipavu existem muitas coisas: estátuas antigas com desenhos dos animais, aves, peixes e homens. No lago existem muitos peixes como tucunaré, pacu, piauí, lambari, pintado, piranha.

O lago, usamos para atravessar até o outro lado, para irmos pra roça, para pescar, para irmos a Porto Jacaré ou a outras aldeias. À direita e à esquerda do lago Ipavu existem dois córregos, com a água caindo dentro do lago (...)

O lago Ipavu é muito grande. Segundo a lenda dos avós, dizem que um rapaz estava recluso, estava tomando uma erva sagrada para ficar forte e ser grande lutador.

Diz a lenda que o rapaz tinha um pombo de estimação e que quando o rapaz estava tomando a erva, dizem que seu pombo veio sentar-se na beira da panela de barro, sem ser percebido pelo dono.

O pombo tomou toda a erva da panela, só quando estava no fim é que o dono percebeu e botou o pombo pra fora.

Esse pombo levantou voo, foi bem alto, e de lá vomitou toda a erva que estava no seu papo e encheu toda a aldeia. O pombo vomitou toda a erva formando o grande lago.

Junto com a erva, o pombo soltou muitos bichos bravos nas águas, fazendo com que os bichos comessem todo o pessoal da aldeia, até o seu próprio dono.

Segundo os mais velhos, até há pouco tempo existiam muitos bichos ainda (...) Dizem que era muito perigoso andar nesse lago, mas agora os bichos se esconderam. Mas de vez em quando atacam a gente...

Kurehete Kamaiurá

Professor do Parque Indígena do Xingu em Geografia Indígena: Parque Indígena do Xingu. MEC-SEF-ISA, 1988



SINDICOM-DF
Sindicato dos Comerciantes do Distrito Federal

O Sindicato dos Comerciantes no DF nasceu em 1963 e em 50 anos cresceu muito.

De uma pequena sala no Setor Comercial Sul, o Sindicom tem um patrimônio que orgulha a categoria. Foi uma luta que envolveu muito suor, trabalho e atuação fundamental dos filiados. Vamos dar destaque para os últimos 20 anos, que coincide com o processo de democratização do país cujo qual valorizou o trabalhador no comércio.

A verdade é que a diretoria colegiada e a presidente, Geralda Godinho, fazem questão de mostrar toda essa estrutura que se encontra disponível para a categoria e trabalhadores em geral.

A pequena sala sede hoje é o andar inteiro com consultórios médicos, odontológicos, homologação, departamento jurídico, apoio de base e imprensa. Em Taguatinga tem sede também contando com o que há de mais moderno para atender os associados. As subsedes se encontram em Sobradinho e Gama.

O Clube dos Comerciantes conta com uma mega estrutura de lazer, com piscinas, churrasqueiras, restaurante, área verde, salão de jogos, campo e futebol, campo de areia e o salão de festas.



REDE DE ATENDIMENTO:

BRASÍLIA
Setor Comercial Sul, quadra 6,
edifício José Severo, 7º andar
Tel: 3038-2200 / 3224-1584

TAGUATINGA
Endereço: QNE 31, lote 2
Taguatinga Norte, no horário das 8h
às 18h - Tel: 3037-8812

SOBRADINHO:
Quadra 8, Bloco 18, Loja 9 - Sala 4.
Tel: 3487-2586

GAMA:
Edifício Office Center 3º andar sala
309 Setor Central do Gama.
Tel: 3384-6747

CLUBE

Fazenda Ponte Alta Norte V Gleba A - Número 25 - Núcleo Rural Casa Grande - CEP 72-400-000 - Recanto das Emas - DF - Fone:(61) 3404-0851

✉ presidencia@sindicomdf.com.br f sindicatodoscomerciantes.dodf

🌐 site: www.sindicomdf.com.br

3224-3808 / 3038- 2200 / (Fax) 3224-1584

Orgulho de ser Comerciante, esse é nosso lema! Filie-se

ALMIR SATER, PAIXÃO PELA VIOLA

Jaime Sautchuk

O estudante de Direito estava sentado no Largo do Machado, centro do Rio de Janeiro, e apreciava uma dupla caipira, com violão e viola de 10 cordas, que tocava pra quem quisesse ouvir. Naquela hora, bateu a decisão. Não iria mais ser advogado, queria mesmo era ser violeiro.

Pegou suas tralhas e tomou o rumo de Campo Grande, hoje Mato Grosso do Sul, onde morava sua família, e lá chegou de supetão, pra espanto geral.

Foi assim que o pantaneiro Almir Eduardo Melke Sater deu rumo à sua vida, num gesto de aventura, mas de muita determinação. Ele sabia da distância que havia entre o rompante de um rapaz já passado dos 20 anos de idade e a realidade do mundo artístico, mas a decisão estava tomada.

É certo que ele já tinha uma vivência musical, a começar pelas aulas de violão que tivera na infância e adolescência, em colégio de padres salesianos. Era parte da educação assegurada por famílias bem situadas financeiramente, como a dele.

Contava, também, com o bom gosto musical de seus pais, que iam da MPB à bossa-nova e outros gêneros nacionais ao jazz e rock dos Estados Unidos, com recheios do erudito. Isso, no rádio ou na vitrola de casa, porque nas ruas, festas, bares e restaurantes da cidade o que reinava era o harpejo e os cantares do vizinho Paraguai.

Anos antes, ele próprio havia montado, com colegas do colegial, um conjunto que tocava músicas paraguaias. "Era uma brincadeira pra tocar em festinhas e na escola", relembra Almir. O nome da banda era Tupiara, que eles haviam visto em uma placa de um centro espirita local, talvez uma influência do além, muito presente em sua vida.

Seu pai era filho de um paraguaio, descendente de sírios que haviam se fixado por ali, e sua mãe, também de origem árabe, era paulista de Santos.

Em casa, essa influência era marcante principalmente na culinária, mas também na musicalidade.

O fato é que a influência musical de Almir Sater é, portanto, a mais eclética possível, uma baita miscelânea de ritmos e sonoridades. Mas havia, em meio a isso tudo, a viola-de-cocho típica de sua região de nascença e a viola de 10 cordas, de origem portuguesa, presentes principalmente nas áreas rurais.

Seu pai, que vivia de prestar serviços de contabilidade, era um homem de cidade, não queria saber da roça. Mas tinha irmãos e outros parentes que eram fazendeiros, viviam da agropecuária e moravam na zona rural. Visitar essa gente era o prazer maior do futuro violeiro, desde a infância.

Os sons da natureza, dos animais terrestres e pássaros, das águas, ventos e o tropel de cavalos. Também as pessoas e seus hábitos, tudo lhe dava sensação de bem-estar e vontade de reproduzir aquele contexto em melodias.

A música caipira, muito difundida no interior de São Paulo, chegava com facilidade às plagas sul-mato-grossenses e se fazia presente nesses ambientes rurais. O formato jeitoso e familiar do instrumento, o encordoamento de cinco pares de cordas de aço, a sonoridade estridente, com múltiplas afinações, eram um encanto.

Almir passou a estudá-lo com afinco, a tocar e compor. Chegou a formar uma dupla, com o nome de Lupe e Lampião, que durou o tempo suficiente pra que ele se tornasse conhecido na região como Lupe da viola.

Mudou-se pra São Paulo pra ter aulas com Tião Carreiro, tido como o maior violeiro de todos os tempos, que mantinha uma espécie de escola de viola. Carreiro era músico de mão-cheia, que ousava gravar vários dis-

cos só com solos de viola, compostos por ele, um feito raro.

Era, pois, o professor certo. E, pelo jeito, o aluno foi aplicado.

Corria a década de 1970. Na capital paulista, ele conheceu outros artistas, participou de festivais e abriu contatos com gravadoras. Gravou "Estradeiro", seu primeiro disco, em 1981, e com ele se tornou conhecido nacionalmente, por programadores de rádio, produtores de espetáculos e, de quebra, por ouvintes.

Conviveu, também, com músicos como Paulo Simões, seu conterrâneo, Renato Teixeira e Sérgio Reis, que vieram a ser importantes na sua vida. Os dois primeiros por se tornarem seus parceiros prediletos, e Reis por tê-lo levado pra fazer novelas, na televisão, e por ter gravado composições de sua autoria.

Com Simões, mais o jornalista e crítico musical Zuzá Homem de Carvalho, o maestro e violinista Zé Gomes e o fotógrafo Raimundo Alves Filho, promoveu a inovadora Comitativa Esperança. O projeto, executado à risca, era de percorrer todas as comunidades do Pantanal Mato-grossense num trabalho antropológico de registro daquelas realidades.

Em 1989, foi escolhido pela crítica pra participar da abertura do Free Jazz Festival, como cantor e compositor. Foi o primeiro estrangeiro a participar de um evento em Nashville, reduto da música Folk e Country dos Estados Unidos, promovendo o encontro da viola com o banjo.

Em 1990, porém, veio a sua consagração nacional. A TV Manchete resolveu tirar as novelas do eixo Rio-São Paulo e programou a histórica "Pantanal", com roteiro de Benedito Rui Barbosa e direção de Jayme Monjardim.

Um dos personagens centrais da trama seria desempenhado por Sérgio Reis. No entanto, Reis disse que só aceitaria a tarefa se fossem contratados outros artistas, entre os quais Sater. E a ele foi dada a tarefa de interpretar Xeréu Trindade, um peão de boiadeiro e violeiro meio misterioso, místico, bem ao seu gosto.

Num dos ensaios antes de a novela ir ao ar, Monjardim, chegou com uma fita e a jogou no colo dele, anunciando:

- O Xeréu vai cantar essa música

ai, pode ir treinando.

Assim, ele ouviu pela primeira vez "Chalana", um de seus maiores sucessos, que muita gente acha que é dele. Mas é uma composição de Mário Giovanni Zandomenighi, o Mário Zan, sanfoneiro nascido na Itália, que veio pro Brasil com 4 anos, virou paulistano por adoção e caipira por vocação.

Sempre que canta essa música em apresentações, Almir explica essa confusão de autoria. Na mesma época, porém, ocorreu outra coincidência que ele atribui a forças do além.

Ele havia estreitado os laços com Renato Teixeira, a ponto de passar a morar em São Paulo, numa casa próxima da Serra da Cantareira, região onde o parceiro já morava, fora do burburinho da pauliceia. E já faziam muitas músicas juntos.

Um belo dia, no entanto, numa sentada rápida, Almir fez a melodia e Teixeira foi colocando letra em "Tocando em Frente", que se tornou um clássico da música brasileira. Nem eles acreditavam que algo tão bonito tenha saído tão rapidamente assim, como que caída dos céus.

O mais intrigante, porém, é que ao chegar em casa, na mesma tarde, toca o telefone. Almir atendeu e, no outro lado da linha, estava a cantora Maria Bethânia, musa com quem ele nunca havia conversado.

Ela pediu desculpas por ligar, mas disse que estava finalizando um novo disco e gostaria de incluir uma música dele, caso ele tivesse alguma peça disponível. E assim ela gravou "Tocando em Frente", um estrondoso sucesso nacional na sua voz.

"Bethânia tem muita espiritualidade, só assim eu posso explicar o telefonema dela naquele exato dia", repete Almir sempre que trata do assunto.

Ao longo dos anos, ele participou de várias outras novelas, em diferentes emissoras, como ator ou como compositor de músicas pra trilhas sonoras, sendo agraciado com muitos prêmios por isso. Desde 2006, contudo, não aceita mais fazer parte de elen-



cos, forme diz, con-

for - me diz, con-

se dedicar a shows e à sua família.

Hoje, ele tem três fazendas no estado, onde cria gado bovino e cavalos de modo sustentável, com respeito ao meio ambiente pantaneiro, que aceita no máximo seis reses por hectare, segundo ele.

Ele é casado há mais de três décadas com Ana Paula, publicitária e sua fiel companheira. Tem três filhos homens, todos músicos, mas apenas Gabriel, o mais velho, seguiu carreira como profissional.

Desde 2015, Almir roda o Brasil com um show em conjunto com Renato Teixeira e uma banda de dez músicos. Tudo de ônibus, pois ele defende que assim se conhece melhor o país. "Todos têm seu banco, que vira cama, e eu vou sempre na frente, ao lado do motorista, com a cortina aberta, pra ver os cenários", explica.

No mês passado, ele e Renato ganharam o prêmio Grammy de música latino-americana, uma espécie de Oscar, o maior reconhecimento mundial na esfera musical.

Almir Sater dá a entender, assim, que a intempestiva decisão do estudante de Direito, nas ruas do Rio de Janeiro, devia ser, desde lá, algum sinal do além.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

JUVENTUDE: JORNADAS DE LUTA PELA DEMOCRACIA

Leonardo Boff

A sustentabilidade tem de se confrontar continuamente com o capital biológico. Em última instância, é o estado da vida sã e preservada que conta, pois sem ela nenhum propósito é exequível. Por isso impõem-se algumas iniciativas de diferente natureza, sem as quais a sustentabilidade não se firma. Por exemplo, importa:

- Tomar a sério os famosos três erres @ da Carta da Terra, que é Reduzir, Reutilizar e Reciclar os bens consumidos; poderíamos acrescentar ainda o Respeitar, Redistribuir e Reflorestar.
- Reduzir o mais que pudermos o consumo de recursos naturais. Dar especial ênfase à escassez de água potável, garantindo que seja suficiente para os seres humanos e demais seres

vivos, e que não seja transformada em mercadoria. Incentivar o uso das energias alternativas não poluentes.

- Apoiar a agroecologia e a agricultura familiar orgânica. Realizar uma severa gestão sustentável das florestas e reflorestar as áreas degradadas. Incentivar a florestania, conceito criado no estado do Acre que visa integrar os povos da floresta com a floresta, mediante a economia extrativista e de preservação da mata em pé. Não deixar nenhuma área degradada, mas recuperá-la com a vegetação nativa.
- Redesenhar as formas de transporte das pessoas e de mercadorias, evitando a poluição e o gasto de energia por causa das longas distâncias.
- Incentivar a alfabetiza-

ção ecológica em todos os estratos sociais para que se consolide uma consciência de convivência e sinergia com a Terra viva e com a natureza.

Esses poucos itens são fundamentais para a sustentabilidade da vida. Essa sustentabilidade não deve ser entendida como produto final, mas como um processo que vai criando relações forjadoras de sustentabilidade.

Isso nos obriga a equacionar os tempos da natureza (longos e com ritmo próprio) com os tempos da produção humana (rápidos e buscando a eficácia imediata).

Eis um desafio ingente, pois não estamos habituados a escutar o que a natureza diz, nem a equilibrar nosso ritmo com os ciclos naturais.



Leonardo Boff
Escritor, Teólogo, Filósofo,
em *Sustentabilidade: O que é - O que não é*.
Editoras Vozes, 2011.

A jornada da juventude CONTRA TEMER

Trajano Jardim

O penúltimo dia de novembro de 2016 marcou a jornada de luta contra Temer a PEC do Fim do Mundo, que congela por vinte anos os gastos públicos e vai atingir de forma brutal projetos sociais. Principalmente, saúde educação e os serviços essenciais que beneficiam os setores mais carentes da população. O objetivo principal deste projeto alinha-se com os interesses neoliberais de privatização dos setores estratégicos da economia nacional.

Chamou a atenção o número expressivo de jovens e mulheres na manifestação. Isso demonstra que o processo de retomada da resistência ao golpe jurídico-parlamentar começa a tomar corpo, embora o seu direcionamento seja ainda, de certa forma, se desenvolva de forma espontaneísta. Também a luta dos operários e do povo no século XIX teve momentos idênticos, com grupos de diversos

matizes. Desde os defensores pacifistas até os mais radicais seguidores do luddismo do século 18, todos tendo como principais diretrizes a luta por melhores condições de trabalho (melhores salários e repouso semanal) e o direito à cidadania. Nada muito diferente do retrocesso pelo qual o Brasil envereda.

Mesmo diluído em diferentes grupos, a manifestação cumpriu o seu papel. A resposta da repressão demonstrou a preocupação do grupo que se apoderou do poder e da sua base de apoio parlamentar, que ainda não se deram conta que o castelo começa a ruir. A luta tem o seu tempo político. Depois de uma batalha perdida, a recomposição das forças e a retomada do processo de resistência é demorado.

O 29 de novembro, acordou o movimento popular de Brasília, exatamente trinta anos depois

de do maior movimento de massas ocorrido na capital da República depois da ditadura em 27 de novembro de 1986. Quando indignados com o Plano Cruzado anunciado, em forma de pacote econômico, após as eleições, centenas de brasilienses foram às ruas, tomaram a Esplanada dos Ministérios. A população de carro, em apoio a manifestação promoveu o maior buzinaço, que enfureceu o truculento comandante do PIC, coronel Newton Cruz. Manifestação impressionante do poder popular, e cuja divulgação foi proibida, com todas as imagens colhidas na televisão.

A juventude e as mulheres estão nas ruas. Este novembro, por certo, se transformará na retomada da democracia e dos direitos dos trabalhadores. Eles ainda vão resistir. Porém "o Povo unido, jamais será vencido". Novembro é o marco da resistência.



Trajano Jardim
Jornalista e Professor
Universitário





Foto: www.aescotilha.com.br/

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: UM DISCURSO, UM ENSINAMENTO, UM NOVO COMPORTAMENTO (Sejamos Todos Feministas)

Iêda Vilas-Bôas

“Nossas histórias se agarram a nós. Somos moldados pelo lugar de onde viemos.”

Para tratarmos de (des) igualdade de gênero e de uma escritora que se insere na linha do empoderamento da mulher e do feminismo, há que se fazer uma diferença entre o que seja feminismo e machismo. Podemos definir, em linhas rasas:

Feminismo: Feminismo NÃO é o oposto de machismo. Feminismo é o coletivo de mulheres com autonomia, conscientes, que lutam por uma sociedade justa e igualitária, onde nenhuma mulher

deveria sofrer retaliação por ser mulher. O Feminismo não dissemina o ódio e não apregoa e nem quer a dominação das mulheres sobre os homens. Quer somente a sonhada igualdade, o fim da dominação de um gênero sobre outro. Feminismo não é o contrário de machismo. Inclusive, muitos homens podem e devem ser feministas. Machismo: É um sistema de dominação que vem sendo difundido e mantido pelo sistema patriarcal e arcaico. É um movi-

mento sexista onde se pressupõe a valorização do macho. É um movimento de repressão e repúdio aos direitos igualitários entre homens e mulheres.

Chimamanda Ngozi Adichie é escritora nigeriana, nascida em Enugu, em 15 de setembro de 1977, há quase 40 anos, linda, encantadora e fascinante, que vem se destacando por sua postura como escritora e feminista.

No discurso de formatura em 2015, na Faculdade Wellesley,

tradicionalmente liberal para mulheres estadunidenses, situada em Massachusetts e que funciona desde 1875, como “Madrinha da Turma”, Chimamanda fez mais um de seus famosos discursos, como o que pronunciou no TED Conferência que foi transformado em livro: *Sejamos Todos Feministas*.

O TED (Technology Entertainment and Design – Tecnologia Entretenimento e Design) é um grupo não partidário que tem por finalidade difundir conversas rápidas, temas conflituosos e modernos. A faculdade em questão promove uma educação voltada para deixar ao mundo mulheres fortes, criativas, decisivas e que possam fazer diferença e contribuir com o e no espaço em que vivem e atuam.

Chimamanda é autora de diversos livros, entre eles: *Hibisco Roxo*, *Meio Sol Amarelo* e *Americana*. Já ganhou inúmeros prêmios literários, tendo seu trabalho traduzido para mais de 30 línguas. Atualmente, ela divide seu tempo entre os Estados Unidos e a Nigéria.

No discurso de formatura, trouxe o tema: *Sejamos Todos Feministas*. Intrigante, porque em seu título nos coloca em condição de igualdade de gênero. Para iniciar, além de louvores às formandas, deu destaque ao importante papel da maquiagem e de seu poder de seduzir, primeiro, quem a usa, valorizando a autoestima, para expor seus mais recônditos encantos e, depois, para demonstrar que o mundo machista se impressiona e viu nessa atitude de maquiagem-se, também, uma forma de fazer-se ouvida.

Segundo a própria Chimamanda, ela se considera “uma feminista feliz e africana que não odeia homens e usa batom para si mesma, não para os homens”. Inicialmente utilizou-se deste artifício para impressionar e questionar um costume da cultura tradicional Igbo que permite que apenas

os homens possam quebrar a noz-de-cola, porque traduz, metaforicamente, a força africana.

A cultura Igbo possui práticas e costumes arcaicos do Sudeste da Nigéria, acrescida por novos conceitos evolutivos e por influência externa. Esses costumes e tradições do povo Igbo incluem artes visuais, música e formas de danças, vestimentas, culinária e idioma (dialetos). Quebrar a noz contém uma simbologia importante e representativa na cultura Igbo. Desafiando os costumes, Chimamanda alegou que essa honraria deveria ser por mérito e não adquirida e possuída pelo gênero masculino.

Bom, naquele contexto, Chimamanda não foi ouvida, mas aprendeu que a maquiagem ajuda a compor cenários efêmeros. Para Chimamanda, é importante que comecemos a planejar e a sonhar um mundo igual e mais justo. Um mundo de homens e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E devemos começar criando nossas filhas e nossos filhos de uma maneira diferente.

Também não foi nesse momento que Chimamanda descobriu as injustiças de gênero. Como mulher, inteligente e preta, desde a infância sofria e não entendia as diferenças entre esses dois mundos que são opostos e que deveriam ser um.

Aos homens, regalias; às mulheres, a condição de seres menos privilegiados. Chimamanda nasceu e cresceu em família instruída. Tinha o privilégio de classe, não o de gênero. Um pensamento claro de Chimamanda é de que o privilégio cega e para se considerar igual e enxergar as coisas, os momentos e situações com clareza, é preciso colocar o privilégio de lado.

Herdou da mãe, que se aposentou como a primeira escritora mulher da Universidade da Nigéria, um grande feito na época, a impetuosidade feminista. E aprendeu

deu mais, a questão de gênero é sempre efetivada, sempre, sobre um contexto e uma circunstância.

E nos ensina que a força das mulheres não deve ser descrita como excepcional, mas como normal. Que a vulnerabilidade é humana e não feminina. Chimamanda aprendeu sobre ser feminista na prática da vida e passou a carregar, confiantemente, este rótulo.

Suas ideias foram levadas ao topo do estilo musical R&B – Rhythm and Blues pelos EUA e mundo afora e alcançou extrema visibilidade. Em seus versos, em *Flawless* (Sem Defeito) Beyoncé traduz, a seu modo, inspirada em Chimamanda, o que se espera dessa nova mulher: (...) Nós ensinamos as meninas a se retraírem para diminuí-las/Nós dizemos para as garotas/ Você pode ter ambição/mas não muita/ Você pode ser bem sucedida/Mas não muito/ Caso contrário você ameaçará o homem(...).”

Chimamanda teve muita sorte, tornou-se escritora bem-sucedida, e sua escrita possibilitou-lhe falar sobre assuntos importantes para ela. Algumas pessoas não veem com bons olhos estes temas, mas a grande maioria entendeu seu forte recado, sobre sua posição a respeito dos direitos dos homossexuais no continente africano e sobre a sua crença na absoluta igualdade entre homens e mulheres.

Chimamanda deixa em seus livros e discursos importantes reflexões para homens e mulheres da sociedade atual: “A história sozinha cria estereótipos, e o problema com estereótipos é que não é que eles não são verdadeiros, mas que eles são incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história.”



Iêda Vilas-Bôas
Escritora



Naiara e Miguel vistoriam o minhocário todos os dias

Fotos: Joelma Bonfim

Escola Classe Córrego Barreiro dá exemplo de sustentabilidade

A Escola Classe Córrego Barreiro, situada na Ponte Alta – zona rural do Gama – segue à risca o que prevê o eixo principal do Projeto Político Pedagógico: a sustentabilidade.

Construída dentro de uma área de 20 mil metros quadrados, cercada por muito verde, a instituição atende a cerca de 130 estudantes, com idades que variam dos 4 aos dez anos. Ou seja, desde muito cedo as crianças entram em contato com questões ambientais e praticam ações que visam

a suprir suas necessidades atuais, sem prejudicar o meio ambiente, e ajudam a assegurar o futuro das próximas gerações. A ideia maior é desenvolver ações socioeducativas em Educação Ambiental, visando à conscientização da comunidade escolar para a preservação ambiental através de atitudes e diretrizes de sustentabilidade e a criação de um modelo sustentável para a escola.

Prova disso é o projeto permanente desenvolvido “A

caminho da escola sustentável”, que engloba, entre outras ações, os subprojetos “Horta Escolar, Merenda Saudável” e “Minhocário”.

Responsável por essas ações, o professor Orlando Rafael, explica que os projetos se completam. “Procuramos desenvolver a prática do cultivo de hortaliças e ervas medicinais, integrando os alunos ao ambiente em que vivem, priorizando o reaproveitamento e o consumo de alimentos saudáveis e estimulando uma



Professores Marly Fróes, Maria da Guia, Lucimeire Costa, Orlando Rafael e os estudantes Miguel e Naiara

educação nutricional. Entram aí a limpeza da área, construção dos canteiros, adubação, plantio, tratamentos culturais e irrigação. O minhocário integra a ação com a produção de composto orgânicos a serem utilizados na horta escolar. Tudo o que é produzido entra na dieta das crianças”.

Nesse processo todos põem a mão na massa, ou melhor, na terra. “Para os estudantes é uma diversão, mas um divertimento que conscientiza”, apontam as professoras Maria da Guia e Marly Fróes, coordenadora da escola.

“Outro grande objetivo nosso é recuperar a mata

ciliar do Ribeirão Ponte Alta – limite leste da escola – com espécies nativas do bioma cerrado. Antigamente, os estudantes tomavam banho neste rio. Até a água era aproveitada para nosso consumo. Hoje, a realidade é outra. Além de assoreado, o rio está poluído”, relata Orlando.

De acordo com a diretora Lucimeire Costa, à frente da instituição há cinco anos, a escola está inserida num contexto em que os pais e responsáveis pelos alunos são moradores vizinhos da escola que, em sua maioria, trabalham com o cultivo da terra e a criação de animais, ainda lançam mão

de práticas agrícolas como a queimada do solo para o plantio e limpeza e a extração de madeiras que atinge a mata ciliar do Ribeirão Ponte Alta. “Sem falar no despejo direto de esgoto ou rejeitos de abatedouros próximos nas águas”, disse.

Lucimeire aponta outros focos de preocupação que vão além da questão ambiental: o professor Orlando se aposenta em janeiro próximo e é preciso que a secretaria de Educação designe um substituto. Da mesma forma, as verbas repassadas pela secretaria à escola não são suficientes para a manutenção dos projetos. Uma pena.



DOIS BURACOS E DUAS MEDIDAS

Antenor Pinheiro

É justo criticar o prefeito por conta dos buracos que surgem nas ruas da cidade, especialmente em período chuvoso, que é quando os problemas de captação de águas pluviais denunciam o descaso da gestão. Mas... e os buracos nas calçadas? Que dimensão possui um descaso assim? Não!

Reclamar dos buracos por onde passam os carros não reflete uma honesta preocupação da população com a cidade enquanto espaço de todos. Esse tipo de buraco urbano é seletivo e somente ganha importância porque, na essência, eles comprometem as rodas e os sistemas mecânicos dos carros – esse sagrado objeto de adoração nacional.

Aí, cada pancada vinda do asfalto faz tremer o coração mo-

torizado. Isso tem explicação e é compreensível que ocorra. Primeiro porque reclamar de buracos no asfalto tem fina sintonia com o modelo de gestão urbana adotado nas cidades brasileiras, cujos recursos drenam com prioridade à demanda do transporte individual motorizado.

Segundo porque a posse e o uso do automóvel tornaram-se predadores e impregnaram-se no imaginário da população como valor prevalente, símbolo de poder e modernidade. Como diz o antropólogo Roberto Da Matta, somos “uma sociedade que adotou o carro como símbolo de superioridade social”. Daí a importância dos buracos das ruas na vida das pessoas!

Sob outros parâmetros, o estri-

dentado protesto contra os buracos, embora cíclico, promove lideranças, cria pauta jornalística, incandescer ânimos e desperta a alegoria popular. No fundo é produto da hipocrisia, porque camufla o que há de mais precioso para a vida em comunidade – o sentido de urbanidade, o significado de cidade.

É muito barulho pra tão pouco alcance, vez que não tange o real interesse para o senso coletivo, como o transporte sobre trilhos, barcas, bicicletas, ônibus e calçadas – sistemas que juntos deslocam 64 por cento das pessoas.

A perversa lógica não é de agora, evolui desde o presidente Washington Luiz – com seu “governar é fazer estradas” – e se cristaliza com Juscelino Kubitschek – com sua política de desenvolvimento econômico baseada no incremento

da indústria automotiva.

Não por menos, essa indústria hoje demanda 21% do Produto Interno Bruto/PIB do país – algo que justifica as sucessivas isenções de impostos destinadas ao incentivo à venda de carros e, pior, sem quaisquer compensações.

O esdrúxulo dessa curta história dos buracos das ruas está no seu contraponto que persiste o ano inteiro e pouco é considerado pela população: os buracos, obstáculos, invasões e outras ocorrências que corrompem a opção do deslocamento a pé nos espaços de mobilidade das cidades.

Aqui ainda mais se aprofunda o paradoxo da estética urbana, pois ao contrário do que ocorre com o viário dedicado aos carros, o desprezo pelos buracos das calçadas

das cidades do Brasil decorre da absoluta ausência de políticas destinadas à recuperação dos ambientes públicos que prezam pelo princípio da equidade no uso do solo urbano.

A despeito das dezenas de leis em vigor, a verdade é que culturalmente as calçadas não são importantes para os gestores das cidades, apesar de serem jurídica e tecnicamente também vias públicas. Os milhares de buracos e ocupações irregulares que atormentam os pedestres, em especial as pessoas com deficiência e os que têm mobilidade reduzida, são perenes e nunca mereceram a devida atenção da governança, nem a mesma intensidade de gritaria que se ouve contra os buracos que desgastam os pneus dos carros.

Enfim, buracos na calçada são menos importantes que buracos no asfalto. São dois buracos e duas medidas – eis a perversa lógica dominante!

Somente uma sociedade acosada por décadas de omissão e plena ausência de investimentos públicos em mobilidade urbana é incapaz de perceber o tênue limite entre protestar ativamente contra os buracos no asfalto e conviver passivamente com os buracos nas calçadas, apesar de ambos serem produto da mesma decadente gestão das cidades brasileiras.



Antenor Pinheiro

Jornalista, membro da Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP



SINTEGO DEBATE CONJUNTURA E APROVA PLANO DE LUTAS EM CONGRESSO MARCADO PELA OUSADIA E PELA CORAGEM

"O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem!"

Guimarães Rosa

A Educação corre perigo. A ameaça da perda de direitos ante uma conjuntura nacional golpista e uma realidade local de ações concretas para desorientar a vida dos e das profissionais da Educação esquentou os quatro dias de debates do 10º Congresso do Sintego, realizado no Centro de Convenções de Goiânia, entre os dias 10 e 13 de novembro deste ano da graça de 2016.

Durante quatro dias, o presente e o futuro dessa Educação que corre perigo foi debatido pelos 1.500 profissionais que se deslocaram de todos os rincões de Goiás, vindos de 36 Regionais do Sintego para, em clima de diálogo franco, mas também, e principalmente, de muita gen-

tileza, participar do "Congresso Izabel Cristina Ortiz", em homenagem à saudosa mestra que, em vida foi incansável defensora do Sintego e destemida lutadora pelos direitos da Educação goiana.

O "aperta" do Congresso contou com o estímulo de palestrantes como os educadores Daniel Cara e Emir Sader, o sindicalista João Felício, o jornalista Paulo Henrique Amorim, os debatedores e debatedoras das várias mesas temáticas de diálogo. O "esfria" ficou por conta das diversas atrações culturais, do baile da saudade, do salão de beleza, das "pracinhas" com prosa e sorvete, da banquinha de artesanato, do espaço mulher, e das muitas rodas de prosa.

Para Bia de Lima, presidenta do Sintego, esse foi o Congresso da Coragem: "Entre um pouco de 'sossega' e um muito de 'desinquieta', nossa categoria confraternizou muito, discutiu muito e, sem medo, enfrentou a pauta proposta. Com coragem, tratamos das maldades do governo ilegítimo de Michel Temer, da ofensiva de privatização do ensino pelo governo de Goiás. Sem medo, assumimos da defesa de uma escola sem preconceito, sem homofobia, sem racismo e laica".

No Congresso da Coragem, "sem medo denunciemos a falta de concurso público, a precarização do ensino, o desmonte da educação inclusiva, a necessidade de investimentos para Escola

de Jovens e Adultos e na Educação no Campo. Sem medo, nossa categoria aprovou e ampliou o Plano de Lutas para 2017-2020, pois os trabalhadores em Educação sabem que o que está por vir é uma luta de vida ou de morte," completou Bia de Lima em seu balanço dos resultados do 10º Congresso.

UM SINDICATO QUE NÃO SE CURVA

O discurso de Bia de Lima na cerimônia de abertura do Congresso, na noite do dia 10, no Teatro Rio Vermelho, marcou o tom de resistência do encontro: "Gostaria de dizer aos prefeitos e prefeitas, ao governador de Goiás (Marconi Perillo, do PSDB) e ao presidente golpista Michel Temer (PMDB) que governo nenhum vai massacrar os direitos do servidor público. Nossa resposta está pronta. Já temos mais de mil escolas ocupadas. Vocês não vão conseguir empurrar a PEC 55 e nem reformar a grade curricular do Ensino Médio. Não vamos nos curvar."

O recado foi dado ante uma plateia lotada de professores, professoras, administrativos, administrativas, imprensa e autoridades nacionais, estaduais e municipais, como o presidente da Confederação Sindical Internacional, João Felício, a secretária de Combate ao Racismo da CNTE, Iêda Leal, a deputada estadual, Adriana Accorsi (PT), Madison Veiga, representando o deputado federal Rubens Otoni (PT), presidente da CUT em Goiás, Mauro Rubem, vereador Carlos Soares (PT), representando a Câmara Municipal de Goiânia; o secretário executivo Marcos Elias Moreira, representando o Conselho Estadual de Educação, secretário municipal de Educação de Aparecida de Goiânia, Domingos Pereira da Silva, a secretária municipal de Educação

de Goiânia, Neyde Aparecida, o professor Santana, representando o Sinpro, e a presidente da regional do Sintego de Formosa, Kátia Viviane, representando todas as regionais sindicais.

CORAGEM

Na mesma noite e nos dias que se seguiram, os principais palestrantes enfatizaram a capacidade de luta e resistência do Sintego. "Um Congresso como este oferece um espaço de resistência extraordinário. O recado é inequívoco: aos educadores de Goiás não falta coragem. Parabéns ao Sintego por sua capacidade de mobilização, de organização e de luta", assim expressou o professor Emir Sader logo após proferir a "aula inaugural" do Congresso com o tema: "O Brasil e os riscos que corre a Educação Pública".

LUTA

João Felício, da direção nacional da Central Única dos Trabalhadores-CUT, ressaltou o compromisso do Sintego com a luta para derrotar a política de privatização e o desmonte da Educação. "Já faz dez anos que não

vinha a Goiás e, agradecendo o convite para falar neste Congresso, confesso minha alegria por ver a Bia e os demais companheiros e companheiras firmes na luta para garantir aos profissionais da Educação em Goiás o direito a uma carreira, a uma vida digna, à cidadania plena", declarou o sindicalista.

ESTRATÉGIA

Didático, o professor Daniel Cara chamou a atenção, sobretudo, pela sólida e competente estrutura de gestão do Sintego: "Venho acompanhando com atenção os embates do Sintego e as muitas dificuldades que enfrenta no trato com o governo de Goiás. Sei, inclusive, do atraso dos repasses para o Sintego. Mesmo assim, vocês organizam um encontro desses. Parabéns, Bia, parabéns, equipe do Sintego, por conduzirem o Sindicato de forma tão competente. Vocês são um exemplo para os Sindicatos e para os movimentos sociais brasileiros".

"Enfrentar a máquina do governo local, totalmente respaldada pelo ilegítimo governo nacional golpista que se instalou





em Brasília e denunciar a militarização das escolas, as inúmeras tentativas de privatização do ensino, a violação dos direitos humanos, a falta de compromisso com o pagamento do Piso e da Data Base... mobilizar a categoria, partir para as ruas, e enfrentar sem medo a luta política é coisa pra gente de muita coragem", declarou o jornalista Paulo Henrique Amorim.

PLANO DE LUTAS 2017-2020

Depois de três dias de debate acalorado sobre os mais diversos temas – das Relações Etnorraciais ao Combate ao Racismo e à Homofobia por meio da Educação; da Terceirização e Privatização do Ensino público via OS ao adoecimento precoce dos e das profissionais da Educação e das condições de trabalho; da defesa da Educação Infantil, da EJA e do Ensino Médio à Qualidade de Vida dos Aposentados aos desafios da Educação no Campo; da defesa de uma Política para as Mulheres a um compromisso irrestrito com uma Educação laica e inclusiva, Sintego estava pronto para aprovar seu Plano de Lutas 2017-2020.

"A luta vai ficar mais árdua agora, além de todas as outras questões de valorização profissional, defesa de plano de carreira de professores e administrativos da Educação, nós precisamos nos reorganizar para ficarmos cada vez mais próximos. Diante de um governo

que só visa a retirada de direitos, temos que estar em todos os lugares possíveis para defender a Educação", destacou a secretária de Combate ao Racismo da CNTE, Iêda Leal de Souza, ao defender as propostas do Plano de Lutas.

Discutidas e aprovadas as 61 propostas estratégicas apresentadas pelo conjunto dos e das congressistas, o Plano de Lutas reflete, segundo Iêda Leal, "o compromisso da categoria com a luta contra a redução salarial, o congelamento de 20 anos dos investimentos da Educação, recém-aprovados pelo Senado Federal com a aprovação da PEC 55, e com a garantia de direitos para que nunca se perca a dignidade da Educação."

Outro ponto de destaque foi a criação da Secretaria da Diversidade Sexual, cuja efetivação irá ampliar a luta contra a homofobia nas instituições de ensino.

Aprovado o Plano de Lutas, e tendo em vista a necessidade de fortalecer os instrumentos institucionais para a execução do

Plano de Lutas aprovado, o 10º Congresso aprovou, também, alterações no Estatuto do Sindicato, como as diretrizes para a organização das eleições da nova direção, adequando-se às orientações da CUT e da CNTE, às quais o Sintego é filiado.

No encerramento do Congresso, ao anunciar a premiação com um carro zero para Marilda Maria Campos Jubê, da Cidade de Goiás, vencedora da Campanha de filiação e cadastramento realizada em 2016, Bia de Lima agradeceu a participação da categoria e ressaltou, uma vez mais, a importância do Congresso como espaço de decisão política e de troca de conhecimento: "A atuação do nosso Sindicato vai além da busca por melhorias e garantia dos direitos dos trabalhadores. Aqui, o trabalho e a contribuição de cada filiado é essencial para o fortalecimento da categoria. A luta daqui pra frente vai ser tornar cada vez mais difícil. Mas estamos prontos. Somos um povo sem medo, o que não nos falta é coragem", concluiu Bia de Lima.



SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

filiado à



20 CRECHES ENTREGUES
5 EM CONSTRUÇÃO



EM ANÁPOLIS EDUCAÇÃO É PRIORIDADE

A Prefeitura de Anápolis reformou e ampliou 23 unidades educacionais, entre escolas e Centros Municipais de Educação Infantil.

20 GINÁSIOS
POLIESPORTIVOS



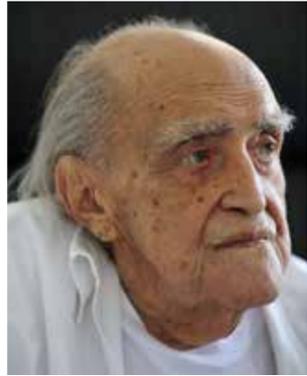
35 MIL KITS
ESCOLARES E UNIFORMES



Secretaria Municipal de Educação

anapolis.gov.br

DISQUE
PREFEITURA
156



OSCAR NIEMEYER



Oscar Niemeyer entrou no ano de 2007 com cem anos de idade e oito novas obras em execução.

O arquiteto mais ativo de todos não se cansava de transformar, projeto após projeto, a paisagem do mundo.

Seus velhos olhos não subiam ao alto do céu, que nos humilhava, mas estavam sempre novos para ficar, prazerosos, contem-

plando a navegação das nuvens, que eram sua fonte inspiração para as próximas criações.

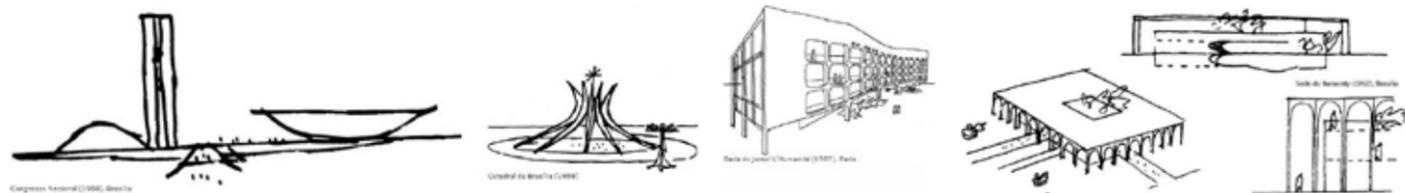
Lá, na nuveria, ele descobria catedrais, jardins de flores incríveis, monstros, cavalos a galope, aves de muitas asas, mares que explodiam, espumas que voavam e mulheres que ondulavam ao vento e no vento se ofereciam e no vento iam embora.

Cada vez que os médicos o internavam no hospital, Oscar matava o aborrecimento compondo sambas, que cantava junto com os enfermeiros.

E assim esse caçador de nuvens, esse perseguidor da beleza fugitiva, deixou para trás seu primeiro século de vida, e continuou em frente [por mais cinco anos].

Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho, o arquiteto que desenhou Brasília, chegou e foi embora desse mundo no último mês do ano, na cidade do Rio de Janeiro: Centenário, viveu de 15 de dezembro de 1907 a 5 de dezembro de 2012.

Eduardo Galeano
em *Os Filhos dos Dias*,
Editora L&PM, 2005.



Fotos: Marcelo Lima

Festa dos 30 anos SINDPD-DF

Filiado à CUT e à FENADADOS

Categoria de TI festeja ao som de Chico César e Esquema Seis

Uma noite inesquecível e memorável marcou a comemoração dos 30 anos de fundação do SINDPD-DF, dia 12/11, na AABB. A festa para a categoria de TI foi animada ao som de Chico César e banda Esquema Seis.

A Direção do SINDPD-DF cuidou de cada detalhe da festa carinhosamente, que foi inspirada no cinema para contar a história de lutas e conquistas dos profissionais de TI ao longo desses 30 anos e marcado pela criação do sindicato.

A entrada da festa, como de um cinema, contava em painéis os principais fatos dos 30 anos de história. Ao final do corredor, o convidado podia ver em um painel maior ações dos 30 anos e os eventos realizados ao longo de 2016 para comemorar com a categoria de forma festiva e política.

O cantor Chico César encantou os convidados com o seu novo CD "Estado de Poesia", com canções românticas e dançantes. Os convidados tomaram conta da pista e dançaram ao som das novas canções e de grandes sucessos como Mama África. O cantor fez um show bem próximo do público e não se importou com a tietagem. Após o show, Chico tirou fotos e atendeu a todos.

A festa foi encerrada com um show alto astral da banda Esquema Seis, que tocou o melhor dos anos 80 e 90, rock e pop. Ninguém ficou parado.

Os convidados receberam um presente muito especial, um kit com chaveiro e carteira de couro.

AO VIVO

**TODAS AS SEXTAS,
ÀS 14H30, NA TV COMUNITÁRIA, CANAL 12 DA NET.**



AS EDIÇÕES SÃO REPRISADAS NOS SEGUINTE DIAS E HORÁRIOS

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
13H	23H	13H	18H	22H30	12H	16H30

Assista também no portal bancariosdf.com.br e no [facebook/bancariosdf](https://www.facebook.com/bancariosdf)